



WA

WA

ABA

O DESIGN GRÁFICO
INCLUSIVO COMO
FERRAMENTA DE
EMPODERAMENTO
DE JOVENS NEGRAS

WAWA ABA

O DESIGN GRÁFICO INCLUSIVO COMO
FERRAMENTA DE EMPORDERAMENTO
DE JOVENS NEGRAS

Projeto de conclusão do curso de Design

Apresentado para a obtenção do grau de Bacharel em Design com habilitação em Gráfico da
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC)

Trabalho realizado por Cristina de Souza Corat

Orientado pela Prof^a Dr^a Fernanda Henriques

UNESP - Bauru

Índice

- **6.** Agradecimentos
- **7.** Resumo
- **8.** Introdução e Justificativa
- **13.** Objetivo
- **14.** Desenvolvimento
 - 14.** Movimento feminista negro
 - 19.** Design Gráfico Social
 - 20.** Análise de similares
 - 26.** Atividade na escola CAIC Bauru
 - 30.** Desenvolvimento da animação
- **44.** Conclusão
- **45.** Bibliografia

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço minha à família, meus irmãos e principalmente aos meus pais, por sempre promoverem todo o apoio que precisei, por sempre estarem ao meu lado e nunca deixarem de acreditar em mim. Nada seria possível sem eles e os amo mais que tudo.

Agradeço à minha orientadora, Ferdi, por toda a paciência, conhecimento e por me guiar da melhor forma possível, abrindo novos caminhos para meu trabalho e para minha formação.

Agradeço imensamente aos meus companheiros de ETA, Henrique e Bruno, que se tornaram meus irmãos em momentos tão turbulentos e ao mesmo tempo gratificantes. Obrigada por serem tão incríveis e tornarem tudo mais leve. Um obrigada especial ao Henrique por, bom, tudo.

Agradeço aos amigos que a faculdade me trouxe e sempre estiveram presentes, Aline, Marlon, Lídia, Leo, Lívia, Leila, Marina, Thaís, Gleisson, Dani, Caio. Obrigada por me acompanharem nessa trajetória e tornarem esses anos de UNESP únicos.

Agradeço à Juliana, por promover todo o suporte psicológico e emocional todos esses últimos anos e me ajudar a ser uma pessoa melhor.

Por fim, agradeço às instituições de ensino que contribuíram para minha formação. Agradeço à UNESP e aos professores por todo o conhecimento e estrutura. Um obrigada especial à professora Ana Bia e ao professor Juarez Xavier (coordenador executivo do Núcleo Negro Unesp para a Pesquisa e Extensão [NUPE]), por todo o apoio em projetos que realizamos juntas. Agradeço ao programa Ciência sem Fronteiras, por abrir meus horizontes e possibilitar um acréscimo à minha educação, principalmente em animação e cultura.

Resumo

Como herança da sociedade patriarcal, a mulher brasileira sofre diariamente opressão. Para as mulheres negras, a discriminação não ocorre apenas pela questão de gênero, mas também racial, sendo colocadas no grupo mais inferior da sociedade, afetando o modo como enxergam a si mesmas. Dessa forma, este estudo tem como objetivo organizar bases teóricas relacionadas ao movimento feminista negro e desenvolver um produto de design gráfico inclusivo para conscientizar e auxiliar o empoderamento de jovens negras. A metodologia da pesquisa está estruturada em dois eixos, um teórico e outro prático. O primeiro eixo é constituído de pesquisa bibliográfica e imagética sobre os principais temas da investigação (movimento feminista negro; design social e inclusivo com foco em integração social), pesquisa de projetos sociais e feministas que utilizem o design como ferramenta de comunicação e, a partir de estatísticas nacionais, identificação dos principais fatores de opressão às mulheres negras para investigação de ações eficientes para o fortalecimento de identidade. O segundo eixo consiste na realização de uma atividade na escola CAIC de Bauru, dividida em dois espaços com alunos de idades diferentes, sendo que em um foi realizada uma oficina de bonecas Abayomi e no outro uma roda de conversa sobre identidade racial e racismo. Como resultado esperado, foi desenvolvida uma animação de caráter comunicativo e informativo com finalidade de auxiliar a conscientização e a capacidade de jovens negras de realizarem mudanças necessárias para evoluírem e se fortalecerem como indivíduos.

Introdução e Justificativa

Cultura é o conceito de diferentes modos de organização da vida social, atribuindo-se tanto à humanidade como um todo quanto às nações, às sociedades e aos grupos sociais. Refere-se aos modos de vida de qualquer agrupamento de pessoas, cujos costumes, comportamentos e formas de pensar são compartilhados e transmitidos entre aqueles que a compõem e passados de uma geração a outra. A cultura de uma sociedade expressa suas transformações políticas, econômicas, históricas e sociais, diferenciando umas das outras de acordo com a organização de valores e crenças de tal sociedade. É importante salientar que o período histórico e a posição social do indivíduo são fundamentais para a determinação de sua cultura frente à sociedade em que está inserido, transmitindo suas particularidades para os demais membros. (BORIS;CESÍDIO, 2007, p.454)

Com suas transformações, a cultura de uma sociedade pode modificar-se com o tempo, porém, em alguns aspectos, tais mudanças são limitadas, de forma que características históricas ultrapassadas permanecem na atualidade. Dentre as características que iremos abordar nessa pesquisa, inclui-se a herança do patriarcado na sociedade e a desigualdade gênero-raciais.

A sociedade patriarcal, proveniente do período colonial, tem como perfil o homem como autoridade maior da família, sendo o núcleo de poder tanto familiar quanto econômico. Dentro dessa sociedade, a mulher está sempre submetida aos interesses do patriarca, tendo a obrigação de obedecer o homem ao qual pertence e seguir o que ele dita ser certo e errado, não tendo voz de opinião. A mulher é criada para ser propriedade do homem.

Esse sistema social foi e é presente em muitos países e comunidades e, no caso do Brasil, teve seu início na colonização, adquirindo essa característica da tradição portuguesa. Assim, o principal beneficiado do patriarcado é o homem rico, branco e adulto da elite urbana. Porém, o aspecto de poder masculino também é presente nas classes mais pobres e

entre os escravos. Além disso, a religião sustentava a manutenção dos valores vigentes, atribuindo à quebra desses princípios castigos divinos.

Junto com a colonização, o intenso tráfico de escravos africanos trouxe para o Brasil milhões de negros para serem utilizados como mão-de-obra na produção de cana-de-açúcar. Assim, tornou-se significativa a presença negra na constituição da população brasileira.

Os castigos eram frequentes, sendo o chicote a punição mais utilizada no Brasil colônia. Aos negros era vetado o direito de exercer sua religião de ascendência africana emanar a sua cultura. Festas e rituais africanos eram terminantemente proibidos em detrimento da imposição de professar a religião católica e comunicar-se utilizando a língua portuguesa. Os escravos, ocultamente, realizavam seus rituais e suas festas, havendo nesse período o desenvolvimento da capoeira. Eles também desenvolveram o candomblé, a umbanda, e outras religiões, nas quais ritos africanos eram mesclados a elementos do catolicismo, dando origem ao sincretismo religioso brasileiro.

A mulher escrava negra desempenhava diferentes papéis nas fazendas, desde tarefas domésticas até trabalhos com a terra, o que seria o plantio e a lida com a cana de açúcar. Vítimas do patriarcado, além da submissão ao patrão, inúmeros são os casos de estupros por parte do homem branco, com a justificativa de preferência sexual dos senhores de engenho pelas negras, com uma imagem erotizada que até hoje alimenta o estereótipo negativo de mulata associado à mulher negra. A mulher branca era a mulher para casar e a negra a mulher para o libido e relações sexuais.

Com o processo de urbanização e ida de famílias para o meio urbano, a mulher branca pôde conquistar maior socialização com pessoas de fora da família, além de acesso à educação. Porém, isso ocorreu com muita discriminação e dificuldade, pois a sociedade se opunha à profissionalização da mulher. Foi somente

no final do século XIX que a mulher passou a obter avanços na sociedade, pois haviam mulheres que sabiam ler e escrever. Com o começo de uma nova era de industrialização, avanço da tecnologia e sofisticação de máquinas, houve uma demanda de mais trabalhadores para aumentar a produção. Isto abriu a oportunidade para a mulher ter acesso ao mercado de trabalho e aos meios de produção, tendo a possibilidade de se desenvolver como profissional. Houve assim a abertura para a independência pessoal da mulher no Brasil.

Também no final do século XIX ocorreu a Abolição da Escravidão. A inserção do negro como não-escravo na sociedade passou sem nenhuma política de reparação e de reversão ao racismo, sem nenhum método de remuneração e auxílio ao mercado de trabalho. Pelo contrário, a política de embranquecimento da população trouxe imigrantes europeus e asiáticos para ocuparem o espaço de trabalho, que havia pertencido até então à população negra. A marginalização do negro era evidente e propaga-se até os dias atuais, com claros indicadores de discriminação em aspectos como trabalho, renda, escolaridade, reconhecimento e valorização social.

A mulher negra, no contexto pós-Abolição, encontrava-se sem lugar, sem trabalho, nenhum tipo de assistência por parte do estado para minimamente reparar os 300 anos de escravidão. Não cabiam muitas opções às mulheres negras, ou ficavam nas fazendas em que já trabalhavam, ou iriam tentar oportunidades de trabalho em outros lugares, que não eram muitas devido ao seu passado. Algumas conseguiam trabalhos autônomos, porém, para a imensa maioria, somente se fez disponível a prestação de serviços domésticos de baixa remuneração (TOKITA,2013, p.122). Ainda hoje, as negras são a grande maioria de mulheres empregadas como domésticas, acumulando-se o fato de serem a última categoria profissional a ter garantidos os direitos trabalhistas essenciais.

Ao mesmo tempo que as mulheres, num todo, tentavam

conseguir seu espaço na sociedade, o fator racial colocou e coloca a mulher negra numa posição inferior à mulher branca.

**Ali aquele homem diz que as mulheres precisam de ajuda para subir às carruagens, para passar a sarjetas e para ter sempre, em qualquer lado os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir às carruagens, ou me dá o melhor lugar e não sou eu uma mulher? Olhem para mim, olhem para os meus braços. Eu lavrei, eu plantei, eu armazenei e nenhum homem me passava à frente. E não sou eu uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto como um homem, e comer tanto (sempre que arranjasse comida) como um homem. E igualmente suportar o chicote!
E não sou eu uma mulher?**

(OLIVEIRA; 2010, 27)

Esse relato de uma ex-escrava mostra as disparidades entre mulheres que se perpetuou ao longo da história, não só entre negras e brancas, mas também com outras ditadas minorias, como as indígenas. O feminismo centrado apenas nas diferenças de gênero e sexuais não seria suficiente para explicar as contradições vividas pelas mulheres negras.

Algumas estatísticas mostram bem as diferenças gênero-raciais presentes no Brasil. Segundo Venturi (2007), mulheres afirmam que há machismo no Brasil (89%), e muito (73%). As desigualdades baseadas em discriminações de gênero aparecem nas assimétricas distribuições de tarefas domésticas, e ficam alarmantes quando 49% das mulheres entrevistadas afirmam terem sofrido violência sexista por parte de um homem. De acordo com Werneck (2010), mesmo com a enorme densidade demográfica de mulheres negras, calculada em 2010, em aproximadamente 50 milhões, elas recebem, pelo mesmo trabalho, 2,7 vezes menos que homens brancos, 1,8 menos que mulheres brancas, e 1,3 menos que homens negros. Martins (2006) explica que a mortalidade materna, configurada como questão de saúde pública, é um dos prejuízos da desigualdade racial e tem maior risco para mulheres negras devido a condições econômicas, características genéticas e também pela incidência das opressões de gênero e de raça, o que faz com que mulheres negras, em diferentes regiões do Brasil, tenham risco maior de óbito no parto e puerpério, por motivos muitas vezes evitáveis, numa razão de 1,5 a 7,4 vezes maior que mulheres brancas.

Ainda se torna necessário estabelecer um espaço legítimo para a construção de uma identidade negra positiva, assim como, de reivindicação de direitos e melhores condições de vida.

Diante da inviabilização da categoria “raça” nos estudos e ações do movimento de mulheres e da não atenção às relações de gênero no movimento negro, mulheres negras tiveram que promover uma diversificação das concepções e práticas políticas em uma tripla perspectiva, gênero, raça e também classe social,

pois as relações de classe e raça no Brasil estão amplamente relacionadas. Assim, chega-se ao conceito chave do feminismo negro, a interseccionalidade. O feminismo interseccional tem como algumas de suas principais figuras, no Brasil, Luiza Bairros, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Edna Roland, Jurema Werneck, Nilza Iraci e Matilde Ribeiro, entre outras. Essas e outras tantas mulheres negras estiveram presentes na formação do movimento feminista negro, contribuindo para o aprofundamento de debates sobre a importância de se pensar gênero articulado ao pertencimento racial, mostrando que o racismo e o sexismo devem ser trabalhados juntos.

Atualmente, o feminismo negro cresce bastante e conquista cada vez mais espaços, causando discussões e debates nos espaços sociais. O movimento tem buscado divulgar a questão negra, propondo alternativas e pensando em ações que valorizem seu papel frente a sociedade e as permita ocupar espaços e direitos que lhes foram historicamente negados.

Nesse projeto usa-se a ideia de empoderamento para a expansão do movimento feminista negro. Segundo Paulo Freire, empoderamento é o fato de a pessoa, o grupo, ou instituição realizar, por si mesma, as mudanças e ações que a levam a evoluir e se fortalecer. Também adotamos o termo pois esta expressão é de uso corrente e promove maior proximidade com o assunto abordado. Para o feminismo negro, empoderamento possui um significado coletivo, trata-se de empoderar a si e aos outros e colocar as mulheres negras como sujeitos ativos de mudança. Uma voz empoderada, consistente, capaz de reafirmar a identidade de mulheres negras e assegurar sua inclusão em uma multiplicidade de espaços é crucial. Isto significa não apenas ocupar os espaços existentes dentro da atual arquitetura de poder, mas também criar espaços para articulação de significados novos e mais inclusivos. Não existe emancipação coletiva sem emancipação individual, sem autoestima, sem o exercício constante e minucioso da autodeterminação.

É a partir dessa necessidade de ações de divulgação e debate que esse projeto estuda a utilização do design gráfico de forma inclusiva e social, com o uso de peças gráficas animadas, a fim de comunicar, conscientizar e auxiliar no empoderamento de jovens negras.

De uma forma geral, podemos dizer que o design inclusivo, nomeado também como “Design Universal”, tem por finalidade a criação de produtos, de ambientes e de serviços que possam ser utilizados pelo maior número possível de pessoas, independentemente da idade, aptidão, ou dimensão física (MACHADO, 2006, p.2). Seu produto pode focar num grupo alvo, porém seu objetivo se estende à sociedade em si, tornando o design mais social, democrático, honesto e adaptável, gerando independência emocional e física, aumentando a auto estima e dignidade das pessoas. Segundo Paschoarelli e Da Silva (2009): “A função do designer nesse aspecto é justamente vencer o desafio de propor soluções inclusivas, visando extinguir a segregação causada por barreiras físicas e sociais”.

Embora haja muita discussão sobre o papel social do Design, há pouquíssima bibliografia sobre esse papel dentro das especificidades do campo do Design Gráfico. Design gráfico se refere à área de conhecimento e à prática profissional específicas relativas ao ordenamento estético-formal de elementos textuais e não-textuais que compõem peças gráficas destinadas à reprodução com o objetivo expressamente comunicativo (VILLAS-BOAS, 2007, p. 27). O designer gráfico trabalha com produção simbólica e insere-se como agente produtor e reproduzidor da cultura de massa, sendo, dessa forma, agente da mídia. Isto posto, o designer gráfico deve estar consciente da sua responsabilidade moral e social, deve analisar o passado tal qual as previsíveis consequências futuras de seus atos (PAPANÉK, 1985, p.102).

Assim sendo, o designer gráfico deve utilizar muito bem as ferramentas de semiótica em seus projetos, principalmente de design inclusivo e social, para atingir integralmente seu público de

forma justa e democrática.

Esse projeto foi desenvolvido juntamente com uma pesquisa de iniciação científica com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Essa pesquisa conta também com o apoio do Grupo de Pesquisa “Design Gráfico Inclusivo: audição, visão e linguagens”, para um melhor desenvolvimento e discussão de metodologias que visem a consideração de questões sócio-culturais e físicas mais abrangentes, tornando o projeto de pesquisa adequado e de caráter igualitário para o debate da causa negra feminina. O Grupo de Pesquisa “Design Gráfico Inclusivo: audição, visão e linguagens” é uma parceria interinstitucional e multidisciplinar que conta com pesquisadores nas áreas da saúde, comunicação, ciências e ciências sociais aplicadas. Visa a construção de uma metodologia inovadora de pesquisa e projeto incluindo a contribuição efetiva por meio de ações a partir da investigação dos distúrbios da visão, da fala, da audição e da linguagem e suas devidas necessidades em design gráfico. Os estudos e projetos são desenvolvidos em laboratórios com especificidades definidas, tais como: Laboratório de Design Gráfico Inky Design, GREPEL Grupo de Estudo e Pesquisa em Escrita e Leitura, LIVIA Laboratório de Informação, Visão e Ação e CPA Centro de Pesquisas Audiológicas - Pesquisas sobre a audição e novos procedimentos terapêuticos.

Objetivo

Este projeto tem como objetivo pesquisar e organizar bases teóricas relacionadas ao movimento feminista negro para o desenvolvimento de um vídeo de animação de caráter comunicativo e informativo, em conjunto com metodologias de design social. A principal finalidade é aproximar o design social dos projetos de design gráfico para promover transformações sociais. Dessa forma, auxiliar a conscientização e a capacidade de jovens negras de realizarem mudanças necessárias para evoluírem e se fortalecerem como indivíduos, frente à sociedade machista e racista.

Como metodologia, o projeto está estruturado em:

- 1.** Pesquisa bibliográfica e imagética dos principais focos da pesquisa: a) Movimento feminista negro; b) Design social e inclusivo com foco em integração social.
- 2.** Pesquisa de projetos sociais e feministas que, preferencialmente, façam uso do design social e de imagens gráficas como forma de ação e divulgação.
- 3.** Com base na pesquisa bibliográfica, imagética e de projetos, identificar os principais fatores de opressão à mulheres negras e as ações mais eficientes de fortalecimento de identidade.
- 4.** Utilizar as ações de resistência como base para a realização de uma oficina e uma roda de conversa com jovens, entre 9 e 18 anos, da escola municipal E.E. Profa. “Marta Aparecida H. Barbosa” CAIC de Bauru para discutir a identidade negra.
- 5.** Elaboração de uma animação que comunica a opressão e invisibilização da mulher negra como bagagem para o empoderamento de jovens negras através da informação.

Desenvolvimento

● movimento feminista negro

Através de estudos sobre o feminismo negro, foi possível determinar uma base para a pesquisa num todo devido as pautas muito bem definidas, porém, são muitas questões a serem discutidas. Como maneira de tratar o assunto de forma geral e introdutória, justamente para instigar jovens negras a pesquisarem mais e realizarem o auto conhecimento, o projeto trabalha com 3 focos do movimento. Primeiro, a questão da estética negra e afro-brasileira, seguido pela representatividade da mulher negra e, por fim, a mulher negra no mercado de trabalho.

A indústria da beleza é cruel com todas as mulheres, principalmente com as mulheres negras. Há uma valorização excessiva de padrões estéticos e traços físicos europeus, o que gera uma desvalorização da figura da mulher negra, que no Brasil corresponde a 23% da população (AMNB – Articulação de Mulheres Negras Brasileiras, 2015). O racismo age de muitas formas e negação diária da mulher negra com seu corpo é uma de suas ferramentas mais peculiar e discreta. A mulher negra, desde pequena, é ensinada pela sociedade que nunca será tão bonita como a mulher branca, que seu cabelo é ruim, é bombril, que sua pele escura permite que as pessoas te ignorem e menosprezem sua capacidade, que seu nariz é largo demais, tem que afinar esse nariz.

A quantidade de mulheres negras que alisam seus cabelos para não terem um “cabelo ruim” é imensa. Usam produtos que fazem mal à saúde e ao cabelo, perdem toda sua identidade para muitas vezes serem motivo de chacota mais uma vez por tentarem se encaixar no padrão. Não há problema algum alisar o cabelo por vontade própria, cada um tem direito de ser como quiser. O problema está em ser induzida à mudar seu corpo por suas características corporais não serem aceitas na sociedade e

destruírem uma auto estima que deveria ser protegida.

O processo de auto aceitação é doloroso, é muitas vezes demorado, pode levar uma vida inteira. Quantas mulheres deixaram por anos suas características de lado para agradar os outros? Quantas mulheres, depois de anos, se viram pela primeira vez no espelho e se identificaram com a imagem que estava ali na sua frente? Como um relato pessoal, acredito que ainda estou nesse processo. No meio disso tudo, não há sensação tão reconfortante quanto eu, como negra, passar por outra mulher negra na rua e, mesmo sem nos conhecermos, elogiar-mo-nos o cabelo uma da outra como um abraço em forma de palavras e identificação.

A invisibilidade da mulher negra esteticamente está diretamente relacionada à sua invisibilidade na mídia. A veiculação maciça em diversos meios, como televisão, cinema, propagandas, livros (inclusive didáticos), embalagens, brinquedos, entre outros, em que mostram em sua maioria pessoas brancas com características fenotípicas caucasianas e uma quantidade ínfima de representantes negras e negros, naturaliza o negro como pertencente a um grupo “minoritário”, sendo que negros representam 54% da população brasileira (IBGE). A mídia brasileira expressa tanto a invisibilidade dos negros nos meios de comunicação, quanto a representação racializada desta parcela da sociedade do país nos mais diferentes produtos midiáticos nacionais. Segundo Sodré (1999, p.243) a propaganda desempenha um papel não só na produção, como também na reprodução do preconceito e do racismo: se ela é alimentada por significados construídos nas práticas sociais – ideológicos, semióticos, portanto –, dela “provêm os modelos cognitivos e as atitudes relativos às minorias de qualquer natureza, especialmente os negros na sociedade ‘clara’ do Ocidente”.

Crianças negras crescem sendo bombardeadas por por informações que não as representam. O universo infantil é dominado por protagonistas brancos: heróis, princesas, líderes de desenhos, bonecos, livros infantis e didáticos. Um personagem

negro é normalmente um vilão, um figurante, um personagem sem graça e com as piores qualidades. A criança negra cria um pensamento simples de “aquilo que eu vejo não é aquilo que eu sou e se ninguém quer me mostrar, o que sou só pode ser ruim”. O racismo na infância e nas escolas existe e ocorre de forma cruel, efetiva e naturalizada. Enfrentar o racismo na infância é crucial, porque ali estão sendo moldadas as possibilidades de identidade das pessoas. Não é por mera coincidência que parte considerável de crianças negras e pobres têm o sonho comum de ser atleta profissional. Trata-se de uma aceitação e assimilação da imagem positiva desse profissional, que é uma das únicas exploradas pela mídia.

Em uma pesquisa feita pela agência de propaganda Heads em outubro de 2016, entre os protagonistas das campanhas de publicidade estudadas, 26% são mulheres e 33% são homens.



Figura 1: Globeleza, reforçando a sexualização da mulher negra

Quando surge nas peças publicitárias, como protagonista ou coadjuvante, a mulher é, em sua maioria, branca (84%), jovem (87%), magra (50%) e de cabelos lisos (62%), sendo representada, em geral, em papéis ligados aos cuidados com o lar e a família. Em apenas 1% mostram só mulheres negras em primeiro plano

e, quando ocorre, na maioria das vezes é apresentada de forma sexualizada ou como uma pessoa destinada ao trabalho subalterno. Entre os homens que protagonizam comerciais de TV, 93% são brancos.



Figura 2: Propaganda reforçando o lugar da mulher negra em trabalhos subalternos

Em novelas e filmes a mulher negra continua fazendo parte da programação com papéis que reforcem o preconceito, seja com papéis de servidão e submissão, seja identificada pela suntuosidade do seu corpo, que reiteradamente é remetida à fonte de sexo fácil. Nesse último caso reforça a hipersexualização da figura da mulata reboletiva, da morena de beleza exótica e carnavalesca, da mulher negra que “não serve para casar, só para sarrar”.



Figura 3: Novela, entre muitas, com negros com papéis de escravos



Figura 4: Reforço da sexualização da mulher negra e periférica



Figura 5: Novela Da Cor do Pecado reforçando a sexualização da mulher negra

A identidade de um povo é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados e expostos nos sistemas culturais que nos rodeiam. Uma população que cresce sem representação positiva ou representação alguma, cresce sem identidade reconhecida.

A mídia nacional deve trazer a presença da população negra de forma diversificada, em diferentes situações e vivências, não só em papéis que parecem indicar a nossa única função para a sociedade. Com a aparição de negros como personagens da vida real em situações comuns do cotidiano e uma promoção da cultura afro-brasileira, tal mensagem é potencializada pelo recurso imagético e semiótico, estabelecendo assim um terreno fértil para a desconstrução de estereótipos, o combate à discriminação racial e a promoção da democracia racial.

Os modos de representação da população negra refletem, em conjunto com a dívida histórica que a escravidão trouxe,

especialmente da mulher negra, no mercado de trabalho e em sua qualidade de vida.

Em formação superior, 26 em cada 100 alunos das universidades do país são negros. Apesar de ainda muito inferior, o acesso da população negra ao ensino superior aumentou 232% na comparação entre 2000 e 2010, 150 mil estudantes só nos últimos 3 anos. De cada cem formados 2,66%, são pretos, pardos ou negros. Para cada cem médicos formados no país, menos de três são negros. (Rede Angola, “Retrato dos Negros no Brasil”, 2015)

Em uma pesquisa realizada pelo Instituto Ethos e BID nas 500 maiores empresas brasileiras constata-se que entre os estagiários e trainees, 62,8% são brancos e 35,7% são afrodescendentes; entre os cargos de supervisão, 72,2% são brancos e 25,9% são afrodescendentes; entre os cargos de gerência, 90,1% são brancos e 6,3% são afrodescendentes; entre os cargos de executivo, 94,2% são brancos e 4,7% são afrodescendentes; e, finalmente, entre os conselhos de administração, 95,1% são brancos e 4,9% são afrodescendentes. Por outro lado os cargos de doméstica, gari, pedreiro, carregador são ocupados em 85% por negros (dados: Retrato dos Negros no Brasil feito pela Rede Angola).

No Congresso Nacional, nem 10% dos parlamentares são identificados como negros (ONG Educafro). Um trabalhador negro ganha, em média, um salário 36,1% inferior ao recebido por um não negro. A renda familiar per capita é R\$753,69 entre os pretos e R\$ 1.334,30 entre os brancos.

Apesar de as mulheres negras entrarem mais cedo e saírem mais tarde do mercado de trabalho, elas têm o rendimento médio mais baixo da sociedade, seguidas pelos homens negros, mulheres brancas e no topo, com maior rendimento, homens brancos. R\$100 reais ganhos por um branco, um homem negro, com a mesma formação e na mesma função, recebe R\$57,40. No caso de uma mulher negra, o salário cai para R\$38,50. De cada 4

pessoas na faixa mais pobres, 3 são negros (IBGE).

Alguns dados que não deixam de ser relacionados, em relação à saúde, uma média de 15 minutos a menos é dedicado a consultas médicas de homens e mulheres negros. O uso de anestesia é usado 10% menos em partos de mulheres negras que partos de mulheres brancas, reforçando a narrativa de que mulheres negras aguentam mais a dor. 46,2% das mulheres brancas tiveram acompanhantes no parto, enquanto apenas 27% das negras tiveram. As taxas de mortalidade materna na população negra são bem maiores, 60% contra 34% nas mulheres brancas. Hipertensão arterial, hérnia, diabetes, anemia falciforme e deficiência de glicose-6-fosfato desidrogenase são doenças mais comuns na população afro-brasileira (Ministério da saúde). Vários estudos apontam que o preconceito racial está conectado a doenças cardiovasculares em negros, além de ser a possível causa da depressão, da ansiedade e de outros problemas de saúde em pessoas que são vítimas de racismo. Alguns estudos científicos evidenciam que esses problemas podem surgir como resultado de uma vida sob o estresse de conviver com a discriminação racial.

Dados do Instituto Patrícia Galvão mostram que a violência doméstica contra mulheres negras é de 59,4% (Balanço do Ligue 180 - Central de Atendimento à Mulher, 2015). A porcentagem de mulheres negras mortas por agressão é de 68,8% (Diagnóstico dos homicídios no Brasil (Ministério da Justiça, 2015), vítimas de violência obstétrica é de 65,9% (Cadernos de Saúde Pública, 2014, Fiocruz). Entre 2003 e 2013, houve uma queda de 9,8% no total de homicídios de mulheres brancas, enquanto a taxa de homicídios de negras aumentou 54,2% Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil (Flacso, OPAS-OMS, ONU Mulheres, 2015).

● design gráfico social

“ Todo profissional consciente de seu papel ao exercer sua função social de maneira ética e de modo eficaz contribui para que a sociedade de que faz parte se desenvolva em harmonia. E, para que o exercício desse papel seja profícuo para si como cidadão e para os demais membros de sua sociedade, há a necessidade de uma consciência sobre o lugar que a sua profissão e sua categoria profissional ocupam nessa sociedade e de que modo suas competências específicas podem ser usadas para tal finalidade”.
(BRAGA, 2011, p.10)

Como já dito anteriormente, o design gráfico utiliza elementos textuais e não-textuais para compor peças gráficas com a finalidade de comunicar algo. É muito importante que o designer compreenda que, independente do que for comunicado, seu produto gráfico gera impacto em algum nível, seja no âmbito da cultura, do mercado, da comunicação, da estética ou da economia. Sem falar das implicações políticas, ecológicas e de cidadania. Dessa forma, os profissionais devem preocupar-se não só com a maneira de comunicar, mas também com o conteúdo de suas comunicações, entendendo que possuem papel de construtores de significados e influenciadores de identidades.

Design de comunicação é uma atividade relacionada com a análise, a organização e os métodos da apresentação de

soluções visuais para problemas de comunicação. Garantir que a mensagem de um projeto gráfico seja positiva e vá acrescentar aos seus espectadores conhecimento e informações relevantes e benéficas é fundamental para tornar o design mais social e inclusivo. A partir disso, pode ser utilizado como ferramenta de questionamento e mobilização social, dedicado à difusão de ideologias e à busca de melhoria social.

É dessa forma que esse projeto trabalha, propagando a informação com o auxílio da imagem gráfica animada de forma a construir significados positivos para identidades em crescimento.

É urgente que novas possibilidades do design sejam discutidas, ampliadas e aplicadas. Se o foco do design gráfico é a comunicação, essa palavra deve ser entendida de forma mais ampla. Não apenas a comunicação gráfica das páginas bem diagramadas com uma tipografia bem escolhida, mas é preciso ver a comunicação como ponto de contato entre as pessoas, ultrapassando o mero domínio técnico ou as propriedades de um projeto gráfico clássico.

● análise de similares

Para o combate do racismo machista, este estudo procura a valorização do corpo e da cultura afro e o empoderamento pessoal através da informação. Para isso, é importante o uso de referências que utilizem dessa premissa para tomar como base para a realização do eixo prático da pesquisa, além de procurar complementar o conteúdo já realizado afora. É possível observar como a maioria dos projetos abaixo trabalham mais a questão da valorização estética afro brasileira e a crítica aos valores distorcidos da sociedade, o que mostra que a porta de entrada do empoderamento é o amor e entendimento próprio, o que facilita o crescimento para a compreensão de questões políticas e sociais posteriormente.

Há muitos projetos que utilizam as redes sociais e as plataformas da internet para divulgar as pautas do movimento feminista negro. Enaltecemos para o estudo projetos como Think Olga, Aurélia: dicionário ilustrado de mulheres, e Outras Meninas. Todos esses projetos desenvolvem na web um trabalho de empoderamento e incentivo à maior representatividade da mulher negra, inclusive através de artes gráficas.

O Think Olga traz ilustrações e infográficos em conjunto com matérias sobre feminismo. Seu maior destaque é o projeto Chega de Fiu-Fiu (Figura 6 e 7), um mapa do Brasil na plataforma Google, em que as mulheres podem marcar onde já foram assediadas e adicionar detalhes da história, para que outras mulheres fiquem atentas ao passarem pelo mesmo local.

O Aurélia (Figura 8) e o Outras Meninas (Figura 9) fazem ilustrações de mulheres, contando suas histórias e como o empoderamento foi importante para elas. O primeiro é específico sobre mulheres influentes, como Carolina Maria de Jesus, Audre Lorde e Malala Yousafzai. O segundo é sobre mulheres comuns e desconhecidas, o que promove uma empatia maior da população.



Figura 6: Ilustração do projeto Chega de Fiu-Fiu



Figura 7: Ilustração do projeto Chega de Fiu-Fiu



Figura 8: Ilustração do projeto dicionário Aurélia



Figura 9: Ilustração do projeto Outras Meninas

No universo audiovisual, exalta-se projetos como a websérie Empoderadas, os documentários 25 de julho - Feminismo Negro Contado em Primeira Pessoa, KBELA e o curta de animação Yellow Fever.

Empoderadas (Figura 10) é uma websérie em formato documental que visa apresentar mulheres negras das mais distintas áreas de atuação (artes, entretenimento, política, empreendedorismo e outras), que possibilitam o empoderamento das demais mulheres. Idealizada por Renata Martins, a primeira temporada foi composta por 14 episódios em parceria com a cineasta Joyce Prado.



Figura 10: cena da websérie Empoderadas

25 de julho - Feminismo Negro Contado em Primeira Pessoa (Figura 11) fala sobre o significado do Dia da Mulher Afro-Latino-Americana e Caribenha, que é comemorado dia 25 de julho. Ao entrevistar mulheres negras que moram em São Paulo, discute-se a importância da data. O que motivou a criação do documentário foi a sistemática invisibilidade do dia, que é desconhecida pela maioria das pessoas.



Figura 11: cena do documentário 25 de julho - Feminismo Negro Contado em Primeira Pessoa

KBELA (Figura 12) é um curta metragem dirigido por Yasmin Thayná, que denuncia poeticamente a construção estética imposta à mulheres negras com seus cabelos. O protagonismo é da verdade crespa dos cabelos de mulheres negras que sofrem desde meninas até assumirem seus cabelos, sem se sentirem obrigadas a alisá-los em um processo de violência corporal e imagética.



Figura 12: cena do documentário KBELA

Yellow Fever (Figura 13) é um curta produzido pela queniana Ng'endo Mukii em sua graduação na Royal College of Art de Londres, combinando stop motion, live action e animação desenhada para explorar os efeitos dos ideais de beleza eurocêtricos, disseminados pela mídia e propaganda, em mulheres africanas. O filme de Mukii destaca a insatisfação que algumas mulheres de pele mais escura têm com sua aparência e as medidas muitas vezes prejudiciais tomadas em busca por um tom de pele mais clara, mais notavelmente por meio do uso de produtos de clareamento da pele (conhecido

no Quênia como mkorogo). Yellow Fever também aborda os efeitos desses padrões de beleza através de gerações, com um momento particular que ocorre no filme em que a sobrinha de Mukii declara que ela sente um certo desconforto com sua pele escura cada vez que se vê no espelho.

Livros também são utilizados como forma de incentivo à valorização da auto-imagem, principalmente livros infantis. Podemos destacar os livros Cabelo bom é o quê?, O cabelo de Lelê, Omo-oba: histórias de princesas, Cinderela e Chico rei, O mundo no Black Power de Tayó e Dandara e a Princesa Perdida



Figura 13: cena do curta Yellow Fever

Cabelo bom é o quê?, O cabelo de Lelê e O mundo no Black Power de Tayó mostram a importância da valorização do cabelo crespo e cacheado como forma de melhorar a auto-imagem de meninas negras em relação aos seus cabelos, expondo que não existe cabelo ruim.



Figura 14: livros Cabelo bom é o quê?, O cabelo de Lelê e O mundo no Black Power de Tayó

Dandara e a Princesa Perdida e Cinderela e Chico Rei contam histórias de meninas negras princesas em um

mundo fantástico, saindo do padrão de contos de fadas com personagens brancos e reforçando a importância da representatividade.



Figura 15: livros Dandara e a Princesa Perdida e Cinderela e Chico Rei

Omo-oba: histórias de princesas reconta mitos africanos, divulgados nas comunidades de tradição ketu, pouco conhecidos pelo público em geral e que reforçam os diferentes modos de ser femininos e a ancestralidade africana.

O universo musical tornou-se muito significativo durante a pesquisa, principalmente o hiphop rap feminino brasileiro. Destaco aqui as incríveis Tássia Reis, Tamara Franklin, Xênia França e Mc Soffia, a última com apenas 12 anos e já inspirando e influenciando jovens negras. Essas artistas trazem letras fortes de crítica ao machismo e ao racismo, exaltando também a cultura afro-brasileira e da periferia.

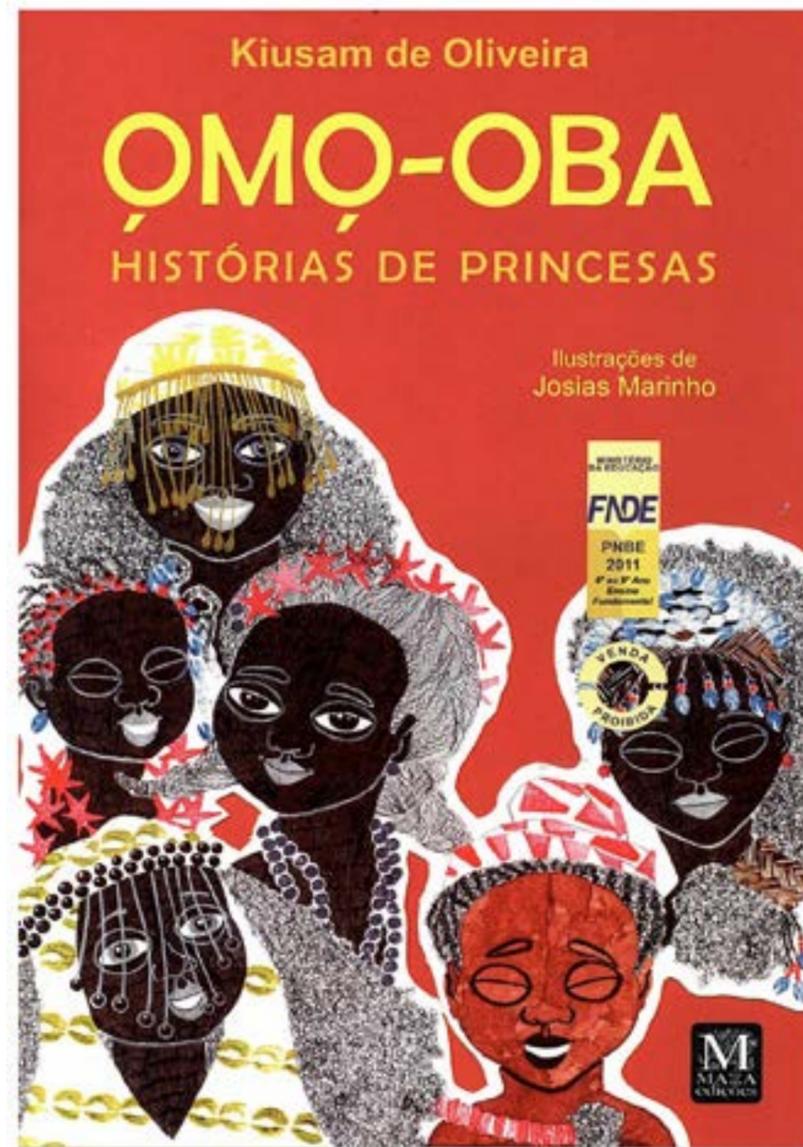


Figura 16: livro Omo-oba: histórias de princesas reconta mitos africanos

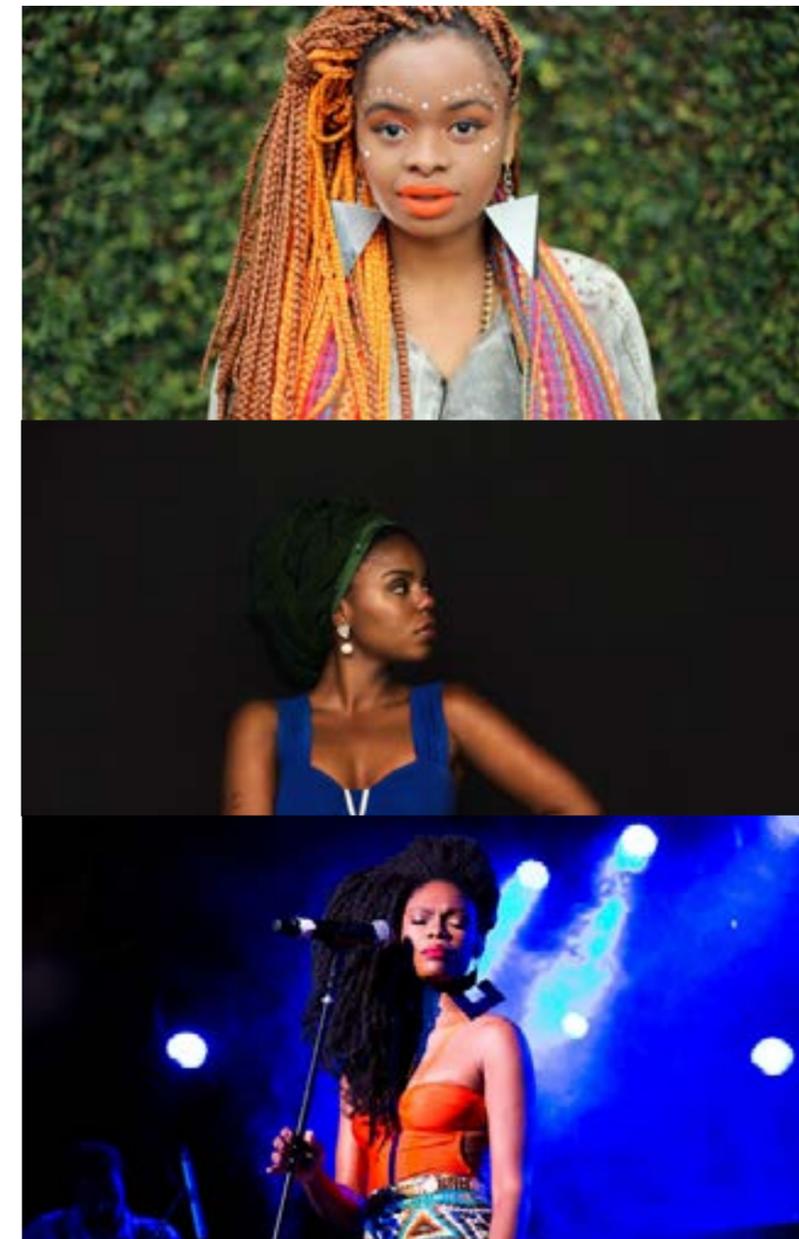


Figura 17: cantoras Tássia Reis, Tamara Franklin, Xênia França

● atividade na escola CAIC Bauru

Como design social e inclusivo, é de grande importância o contato com as pessoas as quais é destinado o produto de design para que não haja segregação de ideias e interesses, a fim de adquirir completo entendimento das necessidades do público alvo. No presente projeto o público alvo consiste em jovens negras entre 9 e 18 anos, idade escolhida por ser um período de grande desenvolvimento do caráter e de identidade pessoal.

Como auxílio ao estudo anterior, durante os últimos meses de pesquisa foi estabelecido contato com o coletivo negro de Bauru e o coletivo feminista negro da Unesp de Bauru, o Kimpa. Acompanhou-se palestras, rodas de discussão e eventos para compreender a dinâmica do movimento. Reunimo-nos com o Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier, professor do curso de Jornalismo da Unesp de Bauru, coordenador executivo do Núcleo Negro Unesp para a Pesquisa e Extensão

(NUPE) e representante da UNESP no Conselho Municipal de Cultura, na cidade de Bauru. É militante do movimento negro, adquirindo mais contatos e orientações sobre o movimento. O professor recebeu o Prêmio Luiza Bairos na categoria Ciência e Literatura, como reconhecimento do seu trabalho e legado na luta contra o racismo e pela defesa e preservação dos povos e comunidades tradicionais de matrizes africanas no Brasil.

Como base para a realização da atividade com os alunos da escola CAIC, foram feitos registros de eventos anteriores e relacionados, tais como: 10ª Virada Cultural Paulista (Figura 18), realizada no Sesc Bauru, com oficinas de Abayomi, turbantes, trança nagô e grupos de dança de origem africana; 2ª Marcha do Orgulho Crespo (Figura 19), realizada em São Paulo; Revolução das Crioulas (Figura 20), realizado na Estação Ferroviária de Bauru, com intuito de discutir a identidade do negro no Brasil e os desafios da mulher negra na sociedade.

A atividade realizada na escola municipal E.E. Profa. “Marta Aparecida H. Barbosa” CAIC de Bauru ocorreu no dia 18 de novembro de 2016, na semana da Consciência Negra, em conjunto com outras atividades feitas pelo coletivo negro de Bauru, que ocorreram na escola para abordar o tema. Minha atividade proposta foi dividida em dois espaços com alunos de idades diferentes, sendo que em um foi realizada uma oficina de bonecas Abayomi e no outro uma roda de conversa sobre identidade racial e racismo.

A oficina de bonecas Abayomi (Figuras 15 a 20) foi ministrada pelo educador cultural e designer do Coletivo Luminar, Leonardo Alvarez, o qual agradeço imensamente o apoio. Com a oficina de bonecas Abayomi, realizada com crianças do quinto ano escolar, é possível ter uma dimensão da importância dessas bonecas para

a história do Brasil e sua relação com o continente africano, se colocando como elemento de afirmação das raízes da cultura afro-brasileira e também o poder e determinação das mulheres negras.

Para acalantar seus filhos durante as terríveis viagens a bordo dos tumbeiros, navio de pequeno porte que realizava o transporte de escravos entre África e Brasil, as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e a partir deles criavam pequenas bonecas feitas de tranças ou nós, que serviam como amuleto de proteção. As Abayomi não possuem demarcação de olho, nariz nem boca, favorecendo o reconhecimento das múltiplas etnias africanas, gêneros e idade.

O termo Abayomi significa “encontro precioso”, em Iorubá, uma das maiores etnias do continente africano cuja população habita parte da Nigéria, Benin, Togo e Costa do Marfim.

Figura 18



Figura 19



Figura 20





Enquanto isso, em outra sala a roda de conversa (Figura 21 a 25) sobre raça e identidade era ministrada pela jornalista Aline Ramos, idealizadora do blog “Que nega é essa?” e feminista negra. Aline abriu espaço para os alunos e alunas do nono ano compartilharem suas experiências pessoais e vivências, conversou sobre como eles acham que a sociedade enxerga a população negra e como eles mesmos se relacionam com isso. A conversa abordou âmbitos sociais e econômicos, instigando até pensamentos políticos por parte dos alunos.

Os adolescentes compartilharam situações vistas e vividas tanto fora quanto dentro de casa, acontecimentos relatados por conhecidos, mostrando, assim, a proximidade do problema do preconceito racial em suas vidas. Para Aline, atividades desse tipo com crianças e adolescentes provam o porquê faz sentido insistir na luta contra o racismo.



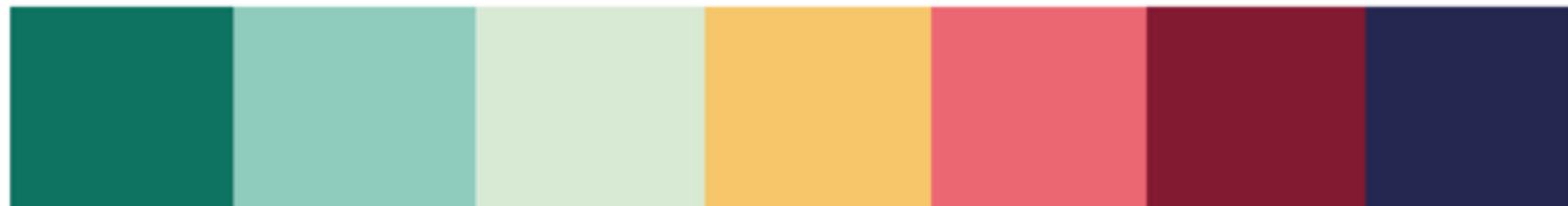
● desenvolvimento da animação

Para o desenvolvimento da animação, foram criados personagens e cenários críticos de situações relacionadas à estética afro-brasileira e auto imagem, a representação da mulher negra na mídia e a mulher negra no mercado de trabalho, com base nos estudos citados anteriormente. Houve a preocupação da criação de personagens de aparências e corpos diferentes, para promover a diversidade e evitar a generalização normalmente adotada à associação de mulheres negras.

criação do roteiro

A criação do roteiro foi um dos maiores desafios do processo. Agrupar os principais focos da pesquisa em um só vídeo e relacioná-los em uma história que fizesse sentido foi difícil pela grande quantidade de informações a serem passadas. Ao mesmo tempo que era muita informação, não poderia deixar nada de lado pois tudo era bastante importante.

Primeiro explorei a ideia de uma narrativa em forma de história, com começo, meio e fim, e com personagens com características específicas. Porém, desenvolvendo um storyboard



para isso, percebi que o vídeo se estenderia muito e perderia o caráter informativo que eu pretendia.

Dessa forma, mudei de estratégia e optei por uma forma de vídeo explicativo, mais relacionado à motion graphics do que à animação tradicional. Assim, consegui traçar um roteiro que colocaria informações no vídeo sem precisar de um motivo aparente ou ter relação com toda uma história em si, como seria necessário se fosse o tipo de narrativa anterior. Como se fosse um infográfico animado, o vídeo traz informações e as ilustra de forma animada, para melhor dinamismo e tornar mais atrativo para um público maior.

Antes de transformar o roteiro da animação em storyboard, criei personagens e opções de cenário. O cenário foi outro desafio, por ser uma animação sem história. Dessa forma, desenvolvi cenários genéricos, mas que também conversassem com a informação passada.

A paleta de cores da animação foi escolhida com base nas cores de tecidos típicos africanos. A linguagem entre países africanos e a transferência cultural entre gerações se dava, muitas vezes através de sua arte, dos símbolos e seus significados. Estes eram gravados em cada uma das produções artísticas. Os padrões africanos têm a função tanto simbólica

personagens

A criação dos personagens começou por uma personagem principal, que é também a narradora do vídeo. Decidi nomeá-la Dandara, em homenagem à figura de uma mulher negra do período colonial do Brasil que teria lutado ao lado de homens e mulheres nas muitas batalhas consequentes a ataques a Palmares, ao lado também de seu esposo, Zumbi dos Palmares.

Optei por um design simples e sem muitos detalhes, pois facilita o processo da animação e não eram realmente importantes para a informação a ser passada. Abaixo encontra-se um primeiro esboço como estudo e para entender o corpo da personagem, chegando em seguida à versão final.



Estudos:



Versão final:



Com a personagem Dandara definida, pude desenvolver os demais personagens com o design dela como base.

Personagens da cena Estética:



Personagens da cena Representatividade:



Personagens da cena Mercado de trabalho:



cenário

Como dito anteriormente, o cenário foi desenvolvido para ser genérico, com apenas elementos principais destacados que favoreceriam a informação dada.

Continuando com o uso de tecidos africanos como referência, os elementos gráficos utilizados no cenário ao longo da animação têm como base os símbolos Adinkra, sendo utilizados de forma sutil. Adinkra são símbolos visuais, originalmente criados pelos Ashanti de Gana e o Gyaman da Costa do Marfim, ambos parte dos povos Akan, um grupo étnico e linguístico da África Ocidental. Foi tradição dos Akan vestir roupas decoradas com símbolos Adinkra em ocasiões importantes, especialmente funerais de familiares e amigos. Hoje é usado por outros grupos étnicos em Gana em uma variedade de encontros e ocasiões festivas. Designers em tempos modernos usam símbolos Adinkra em suas criações, decorando outros acessórios além do tecido. Artesãos, escultores, carpinteiros e arquitetos também usam os símbolos para projetar seus produtos. Algumas instituições corporativas em Gana agora usam os símbolos Adinkra como seu logotipo institucional.

Os símbolos Adinkra expressam vários temas que se relacionam com a história, crenças e filosofia dos Akan. Eles têm principalmente um rico significado proverbial, pois os provérbios desempenham um papel importante na cultura. O uso de provérbios é considerado como uma marca de sabedoria. Outros símbolos Adinkra retratam eventos históricos, comportamento humano e atitudes, comportamento animal, formas de vida vegetal e formas de objetos.

Para a animação, foram escolhidos símbolos específicos com significados compatíveis ao tema desse projeto.



- BI NKA BI: “Ninguém deveria morder o outro”
Símbolo de paz e harmonia Este símbolo adverte contra a provocação e o conflito. A imagem é baseada em dois peixes mordendo a cauda um do outro.



- DUAFE: “Pente de madeira”
Símbolo de beleza e limpeza, qualidades femininas desejáveis. O significado deste símbolo é caracterizado ligeiramente diferente em “O Dicionário Adinkra” e “Os Valores dos Símbolos Adinkra”. O primeiro enfatiza qualidades mais abstratas de bondade, amor e cuidado, enquanto o último tem uma interpretação mais literal, em relação à boa higiene. Em qualquer caso, o duafe era uma possessão premiada do mulher Akan, usada para pentear e trançar os cabelos.



- MAKO: “Pimenta”
Um símbolo de desigualdade e desenvolvimento desigual. Mako é uma forma abreviada do provérbio Akan “Mako nyinaa mpatu mmere”, literalmente “Todos as pimentas (presumivelmente na mesma árvore) não amadurecem simultaneamente”. Este provérbio adverte os mais poderosos para ajudar os menos afortunados com a compreensão implícita de que as fortunas podem se reverter e que eles também precisariam da ajuda de alguém.



- **NYANSAPO:** “Nó de sabedoria”
Símbolo de sabedoria, ingenuidade, inteligência e paciência. Este símbolo transmite a idéia de que “uma pessoa sábia tem a capacidade de escolher os melhores meios para atingir uma meta. Ser sábio implica conhecimento amplo, aprendizagem e experiência, e a capacidade de aplicar essas aptidões em fins práticos.



- **WAWA ABA:** “Semente da árvore wawa”
Símbolo de resistência, tenacidade e perseverança. A semente da árvore wawa é extremamente dura. Na cultura Akan, é um símbolo de alguém que é forte e resistente. Inspirar o indivíduo a perseverar através de dificuldades.



- **AKOMA NTOSO:** “Corações conectados”
Símbolo de entendimento e de concordância, bem como harmonia dentro das comunidades. O símbolo físico retrata quatro corações ligado entre si, enfatizando a simpatia mútua e a imortalidade da alma.



- **WOFORO DUA PA A:** “Quando você sobe uma boa árvore”
Símbolo de apoio, cooperação e encorajamento. Este símbolo significa que quando você trabalha para uma boa causa, você receberá apoio.



- **BOA ME NA ME MMOA WO:** “Ajude-me e deixe-me ajudá-lo”
Símbolo de cooperação e interdependência.

A aplicação dos símbolos Adinkra no cenário foi feita por equivalência dos significados com o assunto abordado em cada cena.

Na cena com discussão sobre estética, utilizei os símbolos BI NKA BI e DUAFE, pois é justamente com características físicas e relativas à beleza que o racismo e o machismo aparecem de forma mais escancarada e passíveis de insultos e preconceitos diretos.



Na cena com discussão sobre representatividade, utilizei os símbolos MAKO e NYANSAPO, ilustrando as desigualdades nas representações apresentadas pela mídia e como nós, designers, devemos atuar em nossa profissão da melhor maneira possível para gerar impactos positivos.



Na cena com discussão sobre mercado de trabalho e condições de vida, utilizei os símbolos WOFORO DUA PA A, BOA ME NA ME MMOA WO, WAWA ABA e AKOMA NTOSO, valorizando os ideais de cooperação, empatia, resistência e perseverança que são necessários para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.



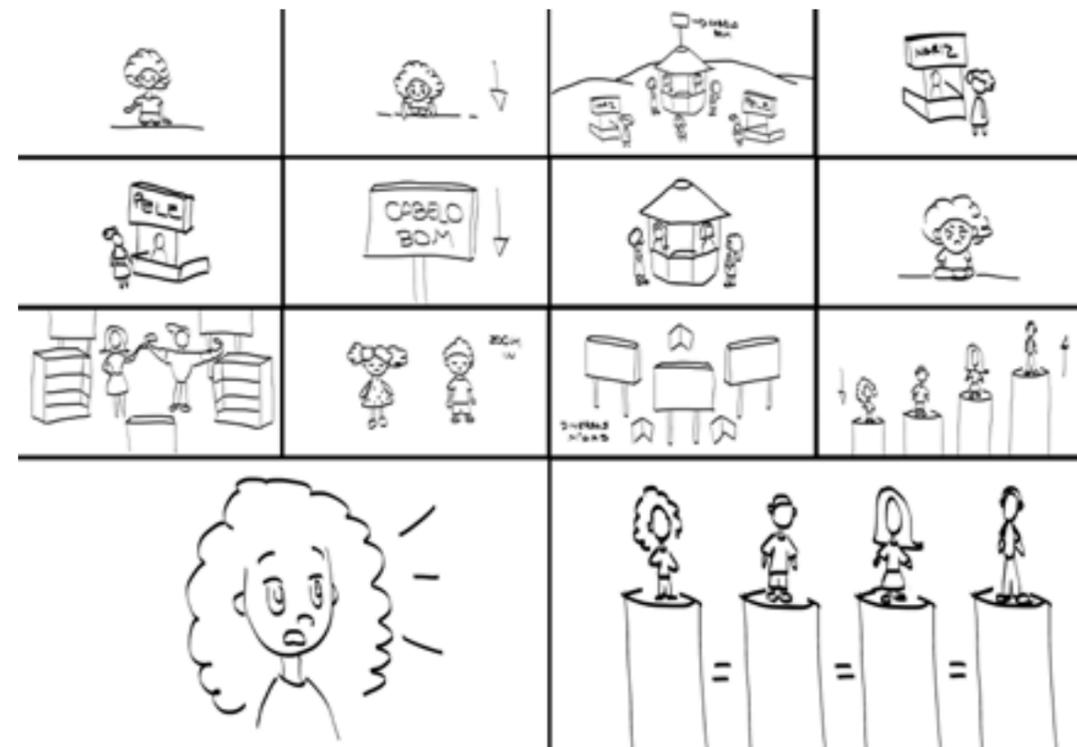
storyboard

Com os elementos gráficos da animação definidos, comecei a desenvolver o storyboard.

Entre os anos de 2014 e 2015, fiz um intercâmbio em um curso de Animação em uma universidade de Londres, pelo programa Ciência sem Fronteiras. Durante o curso aprendi os principais fundamentos de animação e storytelling, e um dos tópicos mais importantes foi o uso do storyboard. Storyboard é basicamente um guia visual narrando as principais cenas de uma obra audiovisual, utilizando desenhos rápidos e com poucos detalhes, sendo o mais objetivo possível. O principal objetivo é transferir as cenas do roteiro

para quadros de fácil visualização. Os desenhos por mais simples que sejam auxiliam a visualizar toda a dinâmica da animação, desde de movimento de câmera ao posicionamento de personagens.

É importante também para dar uma noção do tempo de duração do vídeo. Porém, para ter maior precisão da duração, utiliza-se o recurso do animatic. Podemos dizer que o animatic é o storyboard animado. Nele é possível inserir áudio (vozes, música, efeitos sonoros), calcular o tempo em que cada ação vai acontecer, entre outras coisas. Com isso os erros são minimizados e ganha-se muito tempo economizando refação de cenas.



animação e edição

Após ter os elementos gráficos, storyboard e um controle das cenas e do tempo da animação, pude iniciar o processo de animação. Separei o processo em quatro partes, de acordo com os três temas a serem discutidos e uma introdução à parte, de forma que eu pudesse agrupar as partes no final.

Começando com as cenas em que Dandara aparece, fiz a animação quadro-a-quadro da personagem no Adobe Photoshop, por sua movimentação ser mais fluída e detalhada.

As demais cenas, que dizem respeito ao temas a serem discutidos, estética afro-brasileira e auto imagem, a representação da mulher negra na mídia e a mulher negra no mercado de trabalho, foram animados diretamente no Adobe After Effects, por serem animações mais simples e possíveis de serem feitas utilizando o recurso do puppet tool. O efeito puppet funciona deformando parte de uma imagem de acordo com as posições dos pinos que você coloca e move. Esses pinos definem quais partes da imagem devem se mover, quais partes devem permanecer rígidas e quais partes devem estar na frente quando as partes se sobrepõem.

Após ter todos os elementos e personagens animados separadamente, as cenas passaram a ser montadas no After Effects unindo os elementos, personagens e cenário. Foram realizados os movimentos de câmera, posicionamento de camadas, ajuste de filtros e cores e utilização de efeitos, de forma que a composição entrasse em harmonia. Assim, a cenas tornaram-se reais e a animação nasceu.

pós-produção

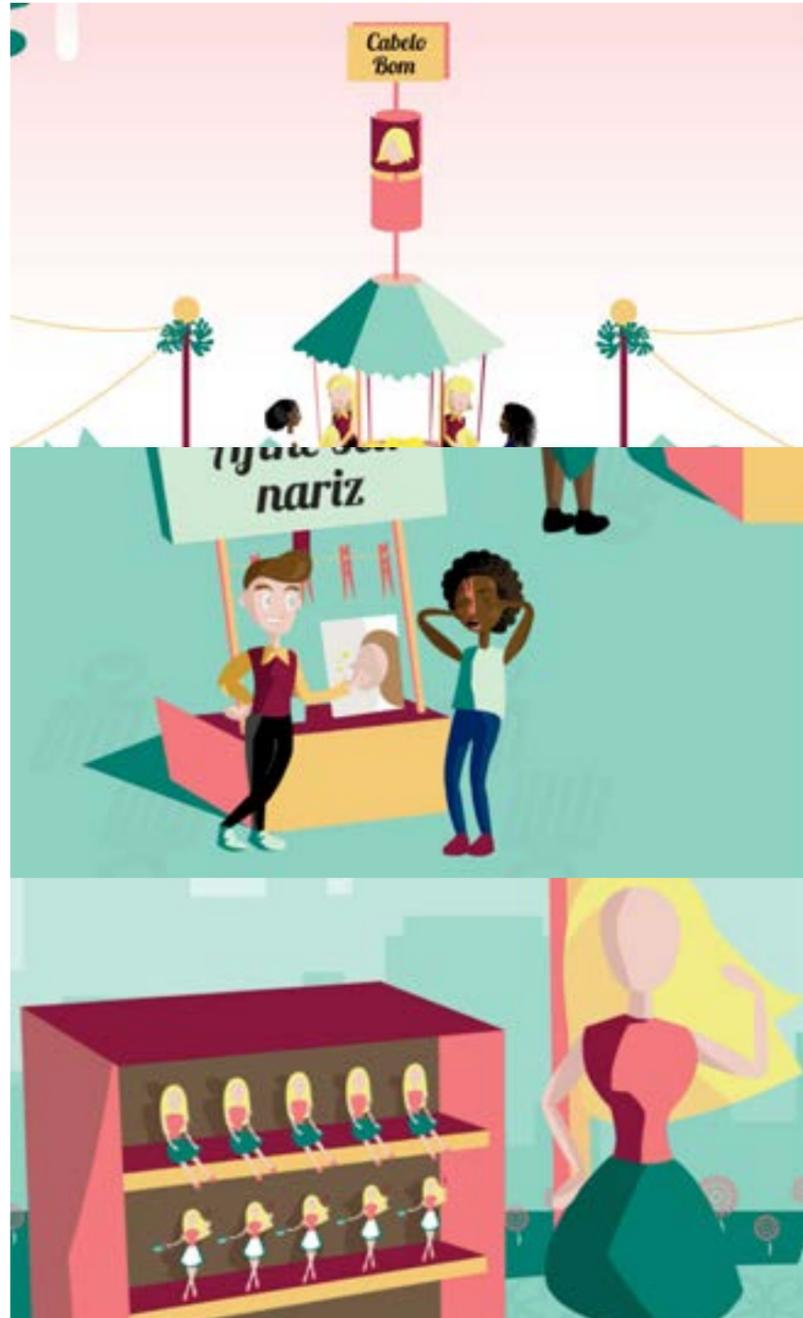
Com as cenas prontas, pude avançar para o processo de pós-produção, que inclui cortes de segundos desnecessários, reajuste do tempo e a inserção de áudio e efeitos sonoros. Todo esse processo foi realizado no Adobe Premiere.

Como é um vídeo inteiro narrado, precisava de uma pessoa que falasse bem e entendesse sobre o assunto narrado. Assim, convidei minha amiga Ana Paula Santos, mulher negra empoderada e comunicativa, para dar voz à Dandara.

Para o final da animação, escolhi adicionar a música "Vem e Vê" da cantora Tamara Franklin, por sua letra falar justamente sobre resistência, empoderamento de mulheres negras e que me traz um sentimento de esperança.

cenas prontas





Conclusão

É cada vez mais claro, para mim, que o designer gráfico tem um papel determinante na sociedade. Construimos identidades e moldamos a forma que a cultura se transforma, o que torna a ética de nossas ações indispensável.

É doloroso pensar no quanto produtos da nossa profissão em conjunto com outras, na grande mídia, comprometeram e prejudicaram a imagem das ditas minorias, que deveria ser uma palavra abolida para o caso abordado, pois só reforça algo que não é real, nos anos passados e até atuais.

Apesar disso, campanhas atuais para promover a diversidade e pluralidade étnica, social e sexual já estão gerando mudanças, o que me traz esperança de uma mudança ainda maior. Por isso, precisamos formar designers cada vez mais conscientes a aptos a contribuir para a construção de uma cultura melhor.

Bibliografia

ANGOLA, Rede. **Retrato dos negros no Brasil**. Brasil, 2014. Disponível na Internet por http em: <<http://www.redeangola.info/multimedia/retrato-dos-negros-no-brasil/>>. Acesso em set.2016

BORGES, Roberto Carlos da Silva. **Representação de mulheres negras: cinema, ethos e identidades**. Cuiabá: Revista Educação Pública, 2012.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESÍDIO, Mirella de Holanda. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade**. Fortaleza: Revista Mal-Estar e Subjetividade, 2007.

BRAGA, Marcos da Costa. **O Papel Social do Design Gráfico**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

BROWN, Tim. **Design for Social Impact**. The Rockefeller Foundation, 2008.

CARNEIRO, S. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, 17(49), 2003, p. 117-132.

CASTRO, Jorge Abrahão de; ARAÚJO, Herton Ellery. **Situação social brasileira: monitoramento das condições de vida 2**. Brasília: Ipea, 2012.

CUNHAS, Manu. **Outras Meninas**. Brasil, 2015. Disponível na Internet por http em: <<http://outrasmeninas.tumblr.com/>>. Acesso em abr.2016

DE FARIA, Juliana. **Think Olga**. Brasil, 2013. Disponível na Internet por http em: <<http://thinkolga.com/>>. Acesso em abr.2016

GALVÃO, Instituto Patrícia. **Mulheres negras e violência no Brasil**. Brasil, 2015. Disponível na Internet por http em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-e-racismo/>. Acesso em set.2016

LEMOS, Marina Gazire. **Ciberfeminismo**: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas. São Paulo: 2009

MARGOLIN, Victor; MARGOLIN, Sylvia. **A “Social Model” of Design**: Issues of Practice and Research. Massachusetts: Design Issues: Volume 18, Number 4, 2002.

MARTINS, Alaerte Leandro. **Mortalidade materna de mulheres negras no Brasil**. Rio de Janeiro: Cad. Saúde Pública, v. 22, n. 11, Nov. 2006 .

MENEGHEL, Stela Nazareth; FARINA, Olga; RAMÃO, Silvia Regina. **História de resistência de mulheres negras**. Florianópolis: Estudos Feministas, 2005.

PASCHOARELLI e DA SILVA (org.). **Design e ergonomia: aspectos tecnológicos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

PINTO, Giselle. **Situação das mulheres negras no mercado de trabalho**: uma análise dos indicadores sociais. Caxambú: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2006.

PRESTES, Clélia Rosane dos Santos. **Feridas até o coração, erguem-se negras guerreiras. Resiliência em mulheres negras**: transmissão psíquica e pertencimentos. São paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2013.

RODRIGUES, Cristiano. **Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil**. Florianópolis: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, 2013.

SANTOS, Cecília Macdowell; IZUMINO, Wânia Pasinato. **Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero**: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. E.I.A.L, Vol 16, 2005.

SILVEIRA, Cecilia. **Aurélia**: dicionário ilustrado de mulheres. Brasil, 2015. Disponível na Internet por http em: <<http://dicionarioaurelia.tumblr.com/>>. Acesso em abr.2016

SOARES, Sergei Suarez Dillon. **O Perfil da Discriminação no Mercado de Trabalho**: Homens Negros, Mulheres Brancas e Mulheres Negras. Brasília: Diretoria de Estudos Sociais do IPEA, 2000.

TOKITA, Márcia Figueiredo. **Mulheres Negras**. GT 7. Feminismos, sexualidades e marxismos na América Latina, 2013.

VENTURI, Gustavo. **Misoginia, homofobia, racismo e “gerontofobia”**: contribuições de análises da opinião pública para a prevenção. Curitiba: Juruá, 2012.

